





# VALORES E PARÂMETROS DE INTERVENÇÃO PARA A PRESERVAÇÃO DA IGREJA DA ASCENSÃO DO SENHOR – PROJETO DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA, O LELÉ

## VALUES AND PARAMETRES OF INTERVENTION FOR THE PRESERVATION OF THE CHURCH OF THE ASCENSION OF THE LORD – DESIGN BY JOÃO FILGUEIRAS LIMA – “LELÉ”

  Ana Carolina de Souza Bierrenbach  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.  
acbierrenbach@gmail.com

  Marcela Carvalho Porto  
Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.  
marcelacarvalhops@gmail.com

1

### Resumo

Este artigo trata dos valores e parâmetros de intervenção para a preservação da Igreja da Ascensão do Senhor, projeto de João Filgueiras Lima, o Lelé. A Igreja foi construída em 1975 dentro do Centro Administrativo da Bahia (CAB). O texto situa o projeto do CAB no contexto histórico da década de 1970, apresenta uma descrição do monumento, indicando suas principais permanências e transformações até o ano de 2020. A partir disso, apresenta e aprecia seus diferentes valores (técnicos, artísticos-estéticos, históricos-sociais e paisagísticos), indicando também uma síntese dos seus valores fundamentais. Entre tais valores, cabe destacar a poética Brutalista inscrita na Igreja. O artigo se refere a diferentes aspectos simbólicos que atuam no projeto e contribuem para a sua valoração. Também indica alguns parâmetros para a realização de uma intervenção na Igreja. O artigo sustenta que a Igreja da Ascensão do Senhor é possuidora de múltiplos valores e é plenamente meritória do seu tombamento efetuado pelo município de Salvador (FGM-PMS) em dezembro de 2020, mas também que possui méritos suficientes para ser indicada para tombamento estadual e federal. Ressalta-se também a importância do tombamento e da conservação da Igreja para a prática preservacionista da arquitetura moderna brasileira, inclusive daquela mais tardia.

Palavras-Chave: Igreja da Ascensão do Senhor, João Filgueiras Lima – Lelé. valores de preservação.

**Abstract**

*This article deals with the values and parameters of intervention for the preservation of the Church of the Ascension of the Lord, designed by João Filgueiras Lima, known as Lelé. The Church was built in 1975 inside the Administrative Centre of Bahia (CAB). The article places the CAB project in the historical context of the 1970s, presents a description of the monument, indicating its main permanence and transformations until the year 2020. It presents and appreciates its different values (technical, artistic-aesthetic, historical-social and landscape), also indicating a synthesis of them. Among these values, it is worth mentioning the Brutalist poetics inscribed in the Church. The article refers to different symbolic aspects that may be found in the project and contribute to support its values. It also indicates some parameters for carrying out an intervention in the Church. It is argued that the Church has multiple values and is fully meritorious of the law that guarantees its protection by the municipality of Salvador (FGM-PMS-2020), but also that it has sufficient merits to be indicated for state and federal protection.*

*Keywords: OChurch of the Ascension of the Lord, João Filgueiras Lima – Lelé. Preservation values.*

## Introdução

Conforme avançam as reflexões sobre a preservação do patrimônio arquitetônico e urbano modernos, desenha-se um campo de discussões complexas que, de uma maneira ainda discreta, têm interferido na prática da conservação e intervenção da produção nacional, especialmente dos seus casos mais exemplares.

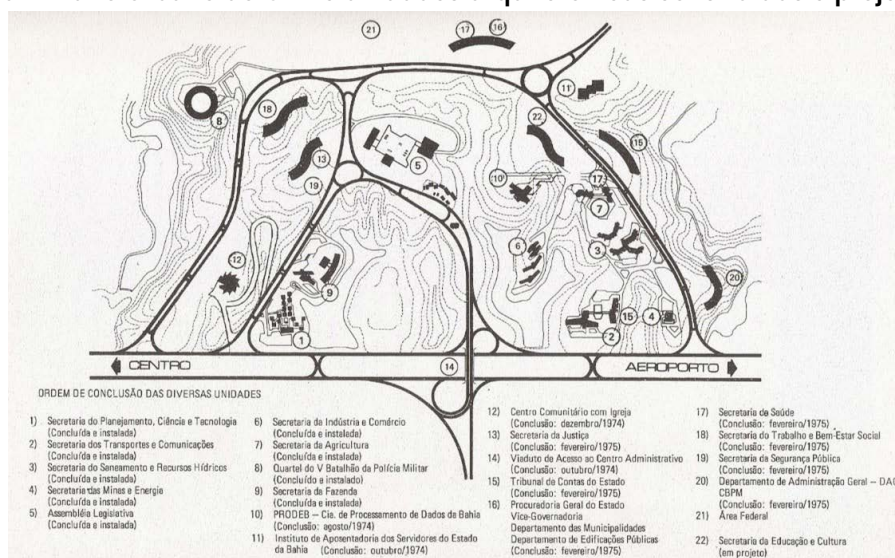
Este artigo trata da preservação de um desses exemplares mais relevantes, nesse caso pertencente ao modernismo tardio, referente à Igreja da Ascensão do Senhor, projeto de João Filgueiras Lima, o Lelé<sup>1</sup>. A Igreja foi construída em 1975 dentro do Centro Administrativo da Bahia (CAB). O texto situa o projeto do CAB no contexto histórico da década de 1970, apresenta uma breve explanação sobre o monumento, indicando suas principais permanências e transformações (referentes aos seus usos e à sua materialidade) até o ano de 2020. A partir disso, apresenta e aprecia seus diferentes valores (técnicos, artísticos-estéticos, históricos-sociais e paisagísticos), indicando também uma síntese dos seus valores fundamentais. Entre os valores artísticos-estéticos, cabe destacar a poética brutalista inscrita na Igreja. O artigo trata também dos diferentes aspectos simbólicos que atuam no projeto e contribuem para a sustentação da sua valoração. Ao fazer isso, sustenta-se que a Igreja da Ascensão do Senhor é possuidora de múltiplos valores e é plenamente meritória do seu tombamento efetuado pelo município de Salvador (FGM-PMS) em dezembro de 2020, mas também que possui méritos suficientes para ser indicada para tombamento estadual e federal.

## O Centro Administrativo da Bahia (CAB)

A Igreja da Ascensão do Senhor está situada no Centro Administrativo da Bahia (CAB). Esse foi concebido durante a década de 1970, em plena ditadura militar, para que edifícios de repartições públicas – especialmente aqueles estaduais – antes dispersos no centro da capital soteropolitana, pudessem ser reunidos em um único local, situado em uma área distante e que era praticamente desabitada naquele momento.

<sup>1</sup> Este texto é baseado no Dossiê de Tombamento da Igreja da Ascensão do Senhor – CAB, realizado para sustentação do pedido de tombamento municipal da referida Igreja, realizado a pedido da Fundação Gregório de Mattos (FGM), da Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), em junho de 2020.

Figura 1–Plano Urbano do CAB e unidades arquitetônicas construídas e projetadas.



Fonte: KERTÉSZ, 1974, n.p.

Entre os discursos que estruturam a proposta do CAB, houve constantemente uma equiparação sua com a emblemática proposta de Brasília. A pretensão era realizar um complexo urbano e arquitetônico com um impacto similar aquele da Capital Federal. Tal aspiração se explicitou na medida em que o mesmo urbanista de Brasília, Lucio Costa, foi chamado para traçar as diretrizes do CAB, que também contou com a consultoria do paisagista Roberto Burle Marx (KERTÉSZ, 1974, p.31; PARA, 1974, p.155; SALVADOR, 1971, p.123). O mesmo ocorreu com a seleção de Lelé, que foi referenciado como sendo “da equipe de Niemeyer” (GROPPER, 1973, p.4).

Entretanto, embora de fato existam indicações e esboços de Costa para a área do CAB (COSTA, 1972), documentos apontam que a sua concepção urbana foi de autoria da empresa CIS, de Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa. A proposta se iniciou no final de 1971, as obras começaram em junho de 1972 e foram concluídas em 1975. Apresentou duas fases, sendo que foi na segunda, a partir de 1974, que se deu a participação de Lelé e a construção da Igreja (BAHIA, [19--], 37).

A escolha do sítio se adequava com a proposta de expansão urbana antes apresentada, sendo o CAB tido como um ponto estratégico. Sua topografia foi considerada um pouco acidentada, afastando-se de uma monotonia. Sua vegetação foi tida como “quase luxuriante” (KERTÉSZ, 1974, p.13). A proposta urbana e arquitetônica pretendia tirar partido de tais situações naturais (BAHIA, [19--], p.20). As edificações, posicionadas nas elevações naturais do terreno, deveriam

ser evidenciadas. A circulação veicular deveria acontecer pelos vales, através de 5 avenidas.

As recomendações de Burle Marx apontavam para a necessidade de manter a flora local ao máximo, acrescentar espécies nativas e outras advindas de diferentes pontos do país (CENTRO, 1974b, p.14; KALIL, 2011, p.92), com a presença de árvores de pequeno e médio porte (ANDRADE; BRITO; SIMAS, 1975, p.7). Aparentemente o que finalmente aconteceu foi que a maior parte da flora existente no CAB não foi de fato mantida, muito em decorrência das suas obras de implementação (ANDRADE; BRITO; SIMAS, 1975, p.4). Burle Marx comenta: “o jardim de todo o Centro é péssimo porque o projeto ficou apenas no papel” (BURLE MARX, apud KALIL, 2011, p. 68).

Na concepção do CAB foram realizadas inúmeras secretarias e outras edificações com características mais específicas, dispostas de modo disperso e destacado no território. Segundo Kertész, foram definidos dois partidos arquitetônicos prioritários, que foram realizados em duas etapas sucessivas, entre 1972 e 1975. Para os primeiros, conformaram-se edifícios descentralizados, com um prédio principal de uma secretaria e outros auxiliares dispostos ao seu redor. Para os segundos, foram realizados edifícios compactos e compridos, os denominados “minhocões”, projetados por Lelé (KERTÉSZ, 1974, p.18-19). Além das secretarias há alguns edifícios mais monumentais, como aquele da Assembleia Legislativa e outros dois, que são de autoria de Lelé: o Centro de Exposições e a Igreja da Ascensão do Senhor.

O CAB assumiu um papel simbólico, representando, através da sua aspirada grandiosidade, o papel e o poder do Estado. Durante o período da ditadura o CAB foi pouco criticado. Entre as críticas que puderam ser formuladas durante a época, uma afirma que o CAB era uma aberração que só podia ser admitida na Bahia (EIS, 1975, p.4). No período pós-ditatorial, outras críticas puderam aparecer, denunciando seu caráter falacioso e discriminatório (CARVALHO, 1988, p.19; CARVALHO; PEREIRA, 2008, p.85; SAMPAIO, 1999, p.242). Essas últimas críticas se tornaram mais contundentes com o passar dos anos, articulando-se com aquelas direcionadas ao urbanismo modernista. O CAB de fato é uma representação de aplicação tardia de tal urbanismo, interferindo no esvaziamento do centro de Salvador e na consolidação de uma expansão urbana especulativa e desigual. Entretanto, não é por isso que o CAB deva ser “cancelado”. Ele possui seus méritos próprios, arquitetônicos e urbanos. E seus valores históricos têm que ser indicados, conhecidos e criticados.

## A Igreja da Ascensão do Senhor

A Igreja da Ascensão do Senhor localiza-se na 3ª Avenida do CAB. foi implantada de forma isolada no seu terreno, em uma suave colina. O projeto foi realizado por Lelé e contou com uma série de colaboradores: Dimitri Tavares Vila Nova, Jacó Sanowicz, José Luiz Menezes, Kristian Schiell, Marco Antônio Pinheiro, Oswaldo Cintra de Carvalho e Rubens Lara Arruda. O cálculo estrutural foi realizado por Roberto Vitorino – contratado pela Walter & Walter Engenharia –, as instalações pela Aqualux Engenharia Ltda. Ressalta-se também o painel que delimita o santuário da nave, de Athos Bulcão (IGREJA, 1975, p.50). A construtora responsável pela realização do projeto foi a Luís Pereira de Araújo (CENTRO, 1975, p.9). A Igreja foi inaugurada no dia 7 de março de 1975 (IGREJA, 1975, n.p.)

Figura 2-Fachada principal da Igreja da Ascensão do Senhor.



Fonte: Acervo João Filgueiras Lima – Lelé (sem data)

### Descrição do Monumento

Lelé afirmou que a **concepção** da Igreja da Ascensão do Senhor demandou muita reflexão, que foi acompanhada pelo frei dominicano Mateus Rocha (1923-1985), amigo do arquiteto (MENEZES, 2004, p.109).

Sua proposta foi desafiadora. Por um lado, tratava-se de criar um templo em uma cidade possuidora de uma ampla tradição religiosa. Nesse sentido, o arquiteto procurou dar sua contribuição com uma igreja que “embora simples e singela, conserva o caráter de dignidade indispensável em um tempo católico” (LIMA, apud LATORRACA, 1999, p.84). Por outro lado, foi necessária a concepção de um edifício singular dentro do contexto do CAB, tal como se deu com aquele do Centro de Exposições, ao contrário daqueles das secretarias. Assim, a Igreja da Ascensão do Senhor foi concebida como uma peça única.

Lelé afirmou que existiram duas inspirações predominantes, ambas pautadas na história. A primeira foram as igrejas do passado (LIMA, apud LATORRACA, 1999, p.83). A segunda foi a arquitetura colonial, especialmente aquela das fortificações, como era o caso do Forte de São Marcelo, em Salvador. Lelé afirmou que o terreno na qual se assenta a igreja foi “tratado de forma amena e natural, com muros de pedra à maneira das construções coloniais” (LIMA, apud LATORRACA, 1999, p.84).

A seguir, serão apresentadas as características que supostamente compõem o edifício quando foi projetado e construído.

Quanto ao seu **programa**, a Igreja é originalmente conformada por um adro que dá acesso à nave e ao altar, situados na cota +47. A partir da nave, duas escadas fornecem acesso a um corredor no nível inferior, situado parcialmente a subsolo, na cota +44. Tal corredor, extenso e arredondado, conecta-se a dois menores. Todos são delimitados por muros de contenção e não possuem aberturas, conformando-se como túneis fechados. Um dos corredores menores termina no espaço da Capela do Santíssimo (que contém o batistério e o altar mortuário). O outro, mais comprido, conduz ao recinto utilizado pelos padres. Esse, por sua vez, possui uma parte mais íntima, de caráter residencial, com sacristia, banheiro, 3 quartos para os padres, sala de estar e copa/cozinha; e uma parte mais pública, de caráter mais administrativo que possui escritório, sanitário e duas salas de reuniões. Praticamente todos os cômodos inicialmente usados pelos padres – com exceção da sacristia – também se conectam através de um corredor externo, que se abre para pátios internos delimitados por um talude. Todos os cômodos inferiores possuem um acesso independente.

A área externa ao edifício era inicialmente composta por vias estreitas e sinuosas, destinadas a uso de pedestres e veículos, para lazer e circulação. Em um primeiro

momento, concebeu-se a entrada da Igreja partir da 2ª Avenida do CAB, com um acesso mais tortuoso (LIMA, 1973, n.p.; LATORRACA, 1999, p.82). Na solução final o acesso passou a acontecer pela 3ª Avenida do CAB.

Há dois tipos de **estrutura** predominantes: de concreto e de pedra.

A nave da Igreja é composta por 12 peças estruturais de concreto armado, constituídas por fundações, pilares, capiteis e lajes de cobertura – denominadas como “pétalas” por Lelé. Tais elementos são dispostos em espiral. Os 12 pilares têm diferentes dimensões, crescendo em formato trapezoidal até as juntas de dilatação – os capitéis –, que possuem terminações curvas. Segundo Lelé, os capiteis ocorrem “por imposição de ordem estrutural onde foram previstos alargamentos na parte superior dos pilares” (LATORRACA, 1999, p.83). Esses funcionam de forma associada à laje do tipo cogumelo, permitindo a expansão e contração do concreto armado.

Cada uma das pétalas da cobertura é moldada in loco, mas suas vedações superiores são pré-moldadas. Possuem um formato triangular que é replicável, mas que possui medidas variáveis, fazendo com que cada uma tenha a sua individualidade. Essas são “dispostas segundo um helicoide ascendente”. Cada uma “se eleva em relação à anterior 50 cm com uma superposição de 1m” (LATORRACA, 1999, p.83), resultando em um vão de 15cm entre elas. O sistema das lajes trabalha com um balanço e procura reduzir o peso estrutural através de um vazio na parte interna da cobertura.

A Igreja é envolvida por muros de arrimo de pedras que conformam os seus limites. Essa estrutura de contenção atua como necessária à modelagem do terreno irregular, onde ocorrem as inserções da nave e dos dois outros recintos: a Capela do Santíssimo e aquele usado pelos padres.

É possível notar as intersecções entre os muros de arrimo e o concreto armado da edificação na cota inferior através dos fechamentos (em pedra) e das coberturas (em concreto armado).

No caso da cobertura da Capela do Santíssimo existe uma laje com vigamento invertido que ocorre em dois níveis, permitindo a entrada de luz. O espaçamento entre as vigas invertidas na laje de cobertura é preenchido com terra. A cobertura, dessa forma, assume a função de teto-jardim.



Quanto aos recintos dos padres, a estrutura também é em alvenaria de pedras, utilizada em trechos dos muros de arrimo, no muro perimetral externo e em 6 muros perpendiculares a esse. Há também 8 pilares de concreto que contribuem para a distribuição do peso da cobertura. A espessura das lajes dos recintos inferiores é diminuta, mas recebe um teto jardim.

A **concepção espacial** da Igreja é complexa. Ao adentrá-la, os usuários são conduzidos para um espaço de dimensões mais restritas que corresponde ao acesso principal. A partir daí, painéis pivotantes de madeira treliçada separam esse espaço da nave. Uma vez dentro da nave, as circunstâncias são distintas, já que o espaço se amplia e se expande para cima, sendo iluminado de forma dispersa pelas laterais e pelos vãos entre as pétalas. Na nave, que possui formato aproximadamente circular, os frequentadores podem se sentar em bancos dispostos em apenas um dos seus lados: “fugindo a arrumação tradicional, a Igreja terá 12 bancos, todos arrumados do lado esquerdo. (...) Apenas uma cruz de alumínio, presa no painel do fundo, simboliza o cristianismo, não havendo nenhuma imagem de santo” (IGREJA, 1975, n.p.).

9

A partir de duas escadas, os usuários são direcionados para a parte inferior da Igreja. Corredores delimitados por pedras, sem iluminação natural, conduzem os usuários para dois espaços distintos. Um deles comporta a Capela do Santíssimo: trata-se de um espaço ovalado, também circundado por pedras, com escassa iluminação zenital que incide sobre seus extremos: a pia batismal e o altar mortuário. O outro recebe a área íntima dos padres. É um espaço mais compartimentado, delimitado por um pátio interno e por um corredor com escassas aberturas externas, deixando o local pouco iluminado. Se na parte superior da nave há um predomínio de sensação de ar, na parte inferior o que há é a sensação de estar na terra, num recinto austero como a nave, porém recluso.

A Igreja possui uma **volumetria** tripartida.

O primeiro volume corresponde com a nave e se desenvolve em forma de espiral ascendente, destacando-se sobre uma suave colina. Trata-se de um volume que possui mais elementos vazios do que cheios. Os elementos cheios são conformados pelas colunas e pétalas de concreto armado e pelo painel constituído por peças de madeira maciça situado atrás do altar. Os elementos vazios correspondem com os vãos deixados entre as pétalas mais baixas e o talude circundante, ou

com as vidraças inseridas entre as pétalas mais altas e o talude. Essas últimas são vedadas por vidros transparentes, cujos caixilhos de ferro modulados afirmam a verticalidade da Igreja. A diferença de altura entre a pétala mais baixa e a mais alta também é cerrada pelo mesmo tipo de vidraça. Nos espaços de 15cm que separam as pétalas sobrepostas são fixados vidros tipo “solar bronze”, que pretendem propiciar uma iluminação dourada. A solução volumétrica permite a conformação de múltiplas fachadas, apreciáveis de diferentes ângulos, tal como uma escultura.

O segundo volume, posicionado em uma cota inferior, é aquele destinado à Capela do Santíssimo. Possui uma concepção ovalada, que se destaca do terreno ao redor da nave de maneira sutil. É circundado em todo seu entorno por uma parede conformada por alvenaria de pedras.

O terceiro volume, na mesma cota da Capela do Santíssimo, acomoda-se no terreno, contornando parte da nave, conformando-se a partir de linhas curvas. Sua parte interna se abre para parte do talude que circunda a nave, o que permite a existência de pátios internos; sua fachada externa é constituída por um muro de pedra que se amolda ao terreno, com pequenas aberturas verticais, que se assemelham àquelas de fortificações coloniais brasileiras.

Os **materiais e mobiliários** que conformam os ambientes da Igreja são predominantemente austeros e despojados. Os materiais principais são o concreto e a pedra, mas há outros, sendo que a madeira e o vidro assumem importantes papéis.

O concreto aparente é encontrado em diferentes locais. Apresenta-se na estrutura que conforma a nave e nos tetos dos recintos inferiores. Nesses últimos são usadas placas pré-moldadas (tipo *silicret*) nas paredes que os separam, que recebem pinturas brancas lisas ou texturas rugosas. Também são usados pisos industriais.

A pedra aparente é encontrada nos muros que circundam a nave, nos túneis de circulação, na Capela do Santíssimo e delimitando parte dos recintos dos padres.

O vidro transparente comparece na nave e aquele de tipo “solar bronze” está presente nos vãos entre as pétalas. A Capela do Santíssimo é delimitada por duas camadas de vedações, uma com folhas de vidro incolor e a outra com uma tela metálica. Quanto aos cômodos dos padres, esses são vedados na parte do pátio

interno com vidro transparente. Na parte do corredor há pequenas aberturas com o mesmo tipo de vidro.

A madeira pode ser notada na porta pivotante treliçada que separa o átrio da nave. Também é usada nos corrimãos dos corredores principais, nas áreas inferiores. Nos recintos dos padres a madeira é usada em armários, portas e mobiliário.

O mobiliário fixo da nave reúne vários materiais. Delimitando o santuário existe um painel com 6m de altura, constituído por tiras de madeira e de vidros coloridos com diferentes dimensões, articulados a partir de uma peça central de aço *corten*, de autoria de Athos Bulcão. No painel consta que está inicialmente fixado um crucifixo simples de alumínio. Diante do altar posicionam-se dois elementos litúrgicos: o altar e o púlpito. O primeiro é constituído por uma plataforma retangular baixa, sobre a qual se posiciona uma peça retangular compacta, sendo que ambas são construídas com concreto e revestidas com granito polido. O segundo é uma peça única composta com os mesmos materiais. Para completar a nave, há os bancos com bases de concreto envolvidos por granito polido, com assentos em madeira maciça. O mobiliário da Capela do Santíssimo é similar ao da nave. Não há imagens de Cristo ou de santos.

Supõe-se que as definições do **paisagismo** relacionadas com o entorno imediato da Igreja foram definidos por Lelé. O arquiteto afirma que “o local destinado à construção da Igreja do Centro Administrativo da Bahia conserva intacta sua beleza natural característica da paisagem de Salvador. Sentimos que nos impunha preservá-la respeitando seu relevo e sua vegetação” (LATORRACA, 1999, p.82).

Fotografias realizadas dois anos após a conclusão das obras (ACERVO, 1976, n.p.) demonstram que ao redor da Igreja existiam algumas árvores e arbustos. Também foi aberta uma clareira no seu entorno imediato. O fato da Igreja se posicionar sobre uma discreta elevação, sem vegetação alta e densa na sua proximidade, mas posicionada sobre uma área gramada, proporcionava garantia de ampla visualização do edifício em múltiplos ângulos, evidenciando seu caráter escultural. Entretanto, além da clareira, a vegetação foi mantida (ACERVO, 1976, n.p.).

O terreno ao redor da Igreja foi tratado de forma amena e natural. Lelé comenta que a intervenção no terreno se limitou aos trechos onde se localizavam as construções (LIMA, apud LATORRACA, 1999, p.84). Essa circunstância afetou a disposição da

nave, mas especialmente a acomodação da Capela do Santíssimo e o recinto dos padres, que, a partir de certos ângulos, parecem brotar da terra, despontando das curvas de nível naturais do terreno.

Para complementar a área externa, a ideia inicial era criar arruamentos estreitos e sinuosos. Na solução final tais arruamentos não foram concretizados, embora tenha se mantido o projeto do entorno imediato da Igreja. Esse consiste em um adro com conformação triangular na dianteira da Igreja. Tal formato cria uma perspectiva que conduz os olhares e os passos dos usuários diretamente para a entrada principal do edifício. Na parte posterior, conformou-se uma área aberta que oferece acesso ao recinto inferior dos padres. Nas suas adjacências, foram posicionados sinuosos taludes de concreto que acompanham a sinuosidade do terreno, que também podem ser usados como bancos.

### **Permanências e transformações relativas ao uso (de capela à igreja matriz)**

A maior parte dos relatos sobre as permanências e as transformações é baseado nas informações contidas no Livro do Tombo (LIVRO, 1975-2016). Esse documento possui anotações que começaram em 1975 e que terminaram em 2016.

Conforme já foi mencionado, a implementação do CAB auxiliou na demarcação de uma estratégia de descentralização do espaço urbano de Salvador na década de 1970. A princípio, em meio a um imenso vazio urbano, a Igreja da Ascensão do Senhor se destinou prioritariamente ao funcionalismo público, sendo utilizada por trabalhadores do próprio complexo administrativo, realizando também cerimônias a serviço das autoridades locais, como batizados, casamentos e funerais. Inicialmente o calendário litúrgico da Igreja se resumia apenas às Santas Missas aos domingos (LIVRO, 1975-2016, p.5). Assim, pode-se compreender que a denominação de Igreja recebida no princípio não condizia com seus usos, que correspondiam mais a uma capela, um templo secundário, com uso menos frequente.

Contudo, ainda na década de 1970, a Igreja começou a atender uma comunidade crescente, vinculada com os novos bairros residenciais e comerciais próximos. Para atender o aumento de fiéis, houve uma certa descaracterização da ambiência original da nave, em virtude no novo mobiliário inserido – cadeiras de ipê – para a acomodação da comunidade.

Mesmo que, em um primeiro momento, o aumento da quantidade de fiéis tenha ocorrido em decorrência da expansão dos bairros no entorno do CAB, esses mesmos, quando consolidados, dedicaram-se à formação das suas próprias paróquias. Dessa forma, a partir da década de 1980, houve um esvaziamento da Igreja em decorrência da inserção desses outros espaços religiosos no entorno. Como resultado disso, e com a necessidade de ampliação da arrecadação da Igreja, houve a transformação de alguns espaços inferiores da Igreja. Algumas salas foram adequadas para recepção de batizados e casamentos, outras para encontros de formação de jovens, outras para espaços administrativos. Houve também a adaptação do confessionário para depósito de equipamentos de som.

Na década de 1990, essa mesma situação interferiu no rito da comunhão. Houve a transformação da Capela do Santíssimo, que deixou de ter um altar mortuário para possuir um altar para o sacrário – objeto de resguardo do ostensório. Transcorreu nessa mesma década outra transformação significativa: o capelão demonstrou o desejo de substituição da “simples cruz de alumínio” – elemento original marcante da nave – por uma tela do pintor Carlos Bastos. Essa tela permaneceu integrada ao painel de Athos Bulcão até 2014, quando foi retirada.

Em 2005 foram realizadas intervenções nas instalações elétricas e hidráulicas. Essas ocorreram principalmente na nave, com a fixação de lâmpadas direcionadas e caixas amplificadoras de som, dispostas de maneira indiscriminada.

Em meados dos anos 2000, ocorreu uma segunda expansão imobiliária nos arredores do CAB, com a conformação de novos bairros e condomínios, consolidando uma “área pastoral”. Para atender aos fiéis dessa área, entendeu-se que era necessária a constituição da Paróquia da Ascensão do Senhor. Para tanto, a partir de 2013 a Igreja começou a passar por intervenções no seu mobiliário litúrgico, com a inserção de novos elementos simbólicos como quadros de santos e figuras representativas da vida cristã (PATRIMÔNIO, [201?], n.p.).

O mobiliário litúrgico sofreu transformações a partir da inclusão de chapas metálicas douradas e aço corten. A cruz do altar foi retomada, agora com aspecto contemporâneo, mas que remete à proposta original de Lelé. Possui composição em madeira, com uma iluminação embutida. Na nave, diante do painel de Athos Bulcão, foram acrescentados ao altar e ao púlpito os recobrimentos mencionados. Na mesma linha, foram instalados assentos auxiliares e uma sédia. Quanto ao restante

do mobiliário da nave, se outrora foram inseridas cadeiras em madeira de ipê para atender às demandas de fiéis, atualmente as mesmas se apresentam em plástico e metal na cor preta. As modificações relacionadas com o mobiliário presente na nave se estenderam à Capela do Santíssimo. Foi inserido um tabernáculo (também em aço corten e chapa metálica dourada) sobre aquele que um dia fora o altar mortuário, bem como um painel em mosaico atrás desse. Posteriormente, foi inserida uma imagem de Nossa Senhora Aparecida entre o batistério e a Capela do Santíssimo.

Após todas essas adaptações e transformações o espaço tornou-se uma Igreja Matriz com sua própria paróquia em 2016.

### **Permanências e transformações relativas à materialidade**

A concepção estrutural da nave procurou criar condições climáticas favoráveis para seu uso. Entretanto, em certa medida, subestimou as mesmas: em 1977, dois anos após a inauguração da edificação, ocorreu um acidente que foi causado pelo volume em helicoide ascendente, que intensificou a força dos ventos cruzados, “soprando sobre a igreja todo o painel de madeira atrás do altar” (LIVRO, 1975-2016, p.6). Demarca-se, assim, a primeira intervenção “restaurativa” na Igreja, que contou com a participação de Lelé. Nesta situação foram reintegradas as peças robustas de madeira, a partir da fixação do painel nos pilares de concreto a partir de travamentos em estrutura metálica, dispostos de forma perpendicular às peças do altar.

Já em 1980, manifestações danosas à obra começaram a ser identificadas, principalmente aquelas relacionadas à água nos períodos de chuva. Um certo abandono com relação à edificação se evidencia, uma vez que pequenos consertos e manutenções necessárias não foram realizados. Como consequência, esses problemas se expandiram por toda a Igreja, danificando especialmente o concreto armado, mas também as pedras. Isso pode ser notado nos recintos inferiores: as poucas espessuras dos seus recobrimentos, somadas à falta de impermeabilização e as obstruções das calhas, causaram danos consideráveis aos ambientes.

Ocorreu em 1992 uma primeira obra de recuperação referente a “um novo revestimento do teto da Igreja” (LIVRO, 1975-2016, p.27). Esse “revestimento” estava associado à aplicação de uma camada de impermeabilização sobre as coberturas

individuais do conjunto estrutural das pétalas que conformam o volume principal. Essa foi a primeira das sucessivas impermeabilizações ao longo dos anos. Com ação pouco substancial, as superposições dessas camadas contribuíram para o acúmulo de água nos vazios das estruturas individuais, e, por consequência, provocaram o agravamento da deterioração do concreto e da armadura empregada nessas estruturas, formando manchas que se notam no interior do volume principal da Igreja.

Não menos importantes são as formações de manchas brancas na alvenaria de pedra, presentes nos recintos inferiores. É possível constatar que a formação dessas se deve ao processo de lixiviação em decorrência do contato direto da água com o material aplicado à estrutura. Outros danos, que se manifestam através de manchas marrons, evidenciam a decomposição de minerais ferríferos presentes na pedra, fato que também ocorre devido ao contato com a água.

Dos anos 1990 até os dias atuais ocorreu uma substituição sistemática da vidraçaria quebrada. Houve também danos, como as corrosões das caixilharias de ferro, que ocorreram pelo encontro direto entre as peças metálicas com as forrações dos tetos jardins ou com cascalhos, esses últimos, no acesso principal da Igreja.

Houve algumas alterações da materialidade no recinto superior. Observa-se a inserção de um painel de vidro com porta, que resguarda o acesso livre à escadaria de ligação aos volumes inferiores. Outras instalações aparentes, como eletrodutos metálicos tubulares acoplados aos pilares das pétalas, foram inseridos de forma inadequada para atender às demandas de aparelhos de som, iluminação por refletores e outros eletrônicos dispostos pelo espaço. É notória também a instalação de placas de sinalização indiscretas distribuídas por todos os volumes.

Aconteceram transformações mais contundentes na materialidade dos recintos inferiores, que acompanharam as mudanças dos usos antes relatadas. Espaços foram unidos ou separados. Para tanto, painéis preexistentes foram demolidos e outros, em pvc, foram inseridos. Outra modificação afetou o concreto aparente do recinto, que foi pintado de branco em diferentes pontos. O piso industrial anterior foi substituído por piso cerâmico branco em vários ambientes, com exceção da sala de estar e dos corredores. Além disso, parte das esquadrias de tipo basculante foi substituída por esquadria fixa, com amplos vidros, modificando a relação entre os espaços. Também foram introduzidos aparelhos de ar-condicionado em todas

os ambientes do subsolo, com seus dutos sobre a fachada da alvenaria de pedra, dispostos sem discrição

Em resumo, as principais modificações na Igreja ocorreram através de duas perspectivas básicas: em primeiro plano, o movimento ascensional quanto ao seu uso, de templo religioso secundário para igreja matriz, com sede paroquial; em segundo plano, decorrentes das alterações materiais para comportar tais mudanças, associadas com problemas intrínsecos às conservação dos materiais existentes.

## **Apresentação e apreciação dos valores de preservação**

Diferentes autores se manifestaram quanto aos valores presentes na Igreja da Ascensão do Senhor. Esses estão referenciados no Dossiê de Tombamento (BIERRENBACH; PORTO, 2020, p.48-52). Aqui indicaremos a nossa apreciação quanto a tais valores.

## 16

### **Valores Técnicos**

É necessário salientar a destreza do arquiteto para lidar com as duas técnicas contrastantes utilizadas na Igreja, a do concreto e a da pedra. Entende-se que ambas são encaradas de um modo delicado, mas vigoroso, proporcionando à Igreja uma unidade, mesmo considerando as suas diferenças.

Lelé aplica uma dimensão de racionalidade na execução do Templo. Utiliza o concreto armado moldado in-loco para os pilares, os capitéis e a base das coberturas e peças pré-moldadas para o fechamento da estrutura. Aposta na noção de repetição, inserindo pequenas alterações em cada uma das 12 peças estruturais. Para tanto, são estabelecidos certos parâmetros de cálculo que permitem que essas peças tenham uma lógica comum e soluções ligeiramente diferentes.

Para Kertész, o processo construtivo utilizado por Lelé tem outras características importantes: “representa, também, a introdução, pelo menos na Bahia, de um sistema não tradicional que permite a implantação em menos tempo, a mais baixo custo e com melhor acabamento” (JOÃO, 1974, p.2). Assim, Kertész destaca o aspecto experimental e econômico da proposta estrutural da Igreja.



Assim, o valor técnico de Igreja assenta-se, principalmente, na inusitada, potente e eficiente utilização da técnica de concreto armado, articulada com a sutil aplicação da técnica com pedras, assim como no refinamento do encontro entre ambas.

### **Valores artísticos-estéticos**

Para tratar dos valores artísticos da Igreja do CAB, é necessário assinalar que são resultado da afinação entre as diferentes soluções, que incluem aspectos materiais e imateriais. Os primeiros incluem as definições da estrutura, da espacialidade, da volumetria, das fachadas, dos materiais construtivos e do paisagismo. Todos esses aspectos materiais conformam um todo que propicia os aspectos imateriais, potencializando a experiência arquitetônica, permitindo uma série de apreensões, sensações e interpretações diferenciadas por parte dos usuários.

É fundamental a exploração estética das soluções estruturais do templo. Entende-se que a estrutura de concreto ultrapassa sua função meramente técnica para alcançar, a partir de formas inusitadas e surpreendentes, uma dimensão artística, que pode “contribuir para a elevação espiritual do homem” (NÚNCIO, 1975, n.p.). Há que se salientar que o mesmo ocorre com a estrutura exposta em pedra, que é tratada de forma rústica e delicada.

Outro ponto marcante da Igreja é a diferenciação dos espaços. Aquele destinado aos cultos maiores é amplo, ascensional, fresco, que pretende ser iluminado por uma luz dourada dispersa. Aquele dedicado às cerimônias mais íntimas, relacionadas com o nascimento e com a morte é diminuto, compacto, úmido, iluminado pontualmente. Unindo tais espaços há corredores compridos e sombrios. Pode-se inferir que tais espaços são uma metáfora cristã, do homem que durante sua existência tem a possibilidade de passar da sombra para a luz, tal como compreende D. Avelar Brandão Vilela: “convite da passagem da treva que é o pecado, para Jesus Cristo, que é a luz das almas e dos povos” (VILELA, apud JOÃO, 1974, p.2). Mas a permanência e o percurso por tais espaços também podem oferecer aos homens uma experiência laica, que propicie “tranquila meditação” (PAZ, 2007, p.133). Os padres também estão incluídos nessas dimensões, situados em um ponto intermediário, entre a luz e a sombra, podendo fazer a ponte entre as esferas sacras e profanas.

Também são importantes os usos dos materiais construtivos. São expostos em seus estados naturais, destacando suas características, explorando suas texturas. A exposição austera e despojada do concreto (que exhibe as marcas das suas fôrmas), das placas pré-moldadas de concreto, da pedra, da madeira, do vidro, do granito, do aço corten, são elementos que atuam para acionar uma experiência artística única, contribuindo para dotar a Igreja de um caráter etéreo, potencializando a espiritualidade humana. Há que se ressaltar a presença do painel de Athos Bulcão que delimita o altar. Trata-se de uma obra que tem um valor artístico próprio, realizada por um artista importantíssimo para o modernismo brasileiro.

Os mesmos materiais também conformam o mobiliário, atuando em sintonia com o restante da Igreja. Existia inicialmente apenas uma imagem religiosa na Igreja, que era um crucifixo situado no altar da nave. Tratava-se de um elemento simples que era considerado suficiente para definir o caráter sacro do espaço. Também fortalecia a sua dimensão abstrata.

Assim, tanto as soluções estruturais quanto os materiais construtivos, demonstram que a Igreja da Ascensão do Senhor é um potente exemplo de obra Brutalista soteropolitana e brasileira. De fato, não se trata exatamente da aplicação literal de soluções do denominado Brutalismo Paulista, mas sim de uma experiência que se articula mais com as soluções locais, de caráter mais aberto, com interpolações mais complexas entre os espaços internos e externos. Mas, também possui soluções que são mais similares às paulistas, a partir da exploração da expressão estrutural e da força plástica dos materiais construtivos (BIERRENBACH; NERY, 2013. p.23).

Cabe destacar a presença de outros elementos imateriais. A luz é dosada de diferentes maneiras, procurando criar distintas atmosferas em cada um dos espaços. No espaço de culto mais coletivo - a nave - há mais iluminação, indicando-se um contato mais potente com o céu; nos espaços de culto mais individuais há menos iluminação, assinalando-se um ponto de contato intenso com a terra.

É necessário ressaltar o caráter totalmente abstrato do templo. Sua dimensão espiritual ou sacra se dá a partir da apreensão de todos os elementos materiais e imateriais, que assumem um caráter simbólico. Assim, a Igreja da Ascensão do Senhor coloca os homens em contato consigo mesmos, com a natureza, com o

cosmos e com as suas espiritualidades, estabelecendo um forte caráter artístico para a obra arquitetônica.

### **Valores históricos-sociais**

Não há como fazer a apreciação dos valores históricos e sociais da Igreja da Ascensão do Senhor sem evidenciar sua relação com o sítio onde está inserida, o Centro Administrativo da Bahia. O CAB é uma experiência urbana e arquitetônica importante para a cidade e para o país. Entre as manifestações urbanas e arquitetônicas modernas realizadas no território brasileiro após Brasília, essa é marcadamente uma das mais impactantes, rompendo com o traçado tradicional, adotando um plano urbano moderno, em local isolado, para a estruturação de um complexo monofuncional, de uso administrativo. Sob a égide da difusão do plano desenvolvimentista promovido pelo Estado ditatorial, a concepção dessa cidade administrativa assinala uma reorganização do lugar do poder, promovendo uma arquitetura monumental, tecnicista e racional. Nota-se que, para além do CAB, outros espaços físicos administrativos se consolidaram posteriormente, em Belém (PA), Fortaleza (CE), Porto Alegre (RS) e Natal (RN) (BRAGA; PAIVA, 2016, n.p.).

Constituindo-se como um espaço supostamente eficiente para sustentar a maquinaria estatal, a construção do CAB tornou-se uma das marcas do que Sampaio (1999) aponta como urbanização desenvolvimentista, que assumiu uma estética “explicitamente industrial”, fruto de amistosa relação do Estado com o capital hegemônico. Excluindo-se da cidade real e dos problemas essenciais do seu centro urbano – tanto física quanto metaforicamente – o CAB, em seu considerável deslocamento daquilo que se definia como urbanidade soteropolitana até então, apresentava-se como uma experiência “necessária” para a superação do subdesenvolvimento, a partir das fortes investidas industriais do período.

Uma vez que a construção do Estado ditatorial militar no Brasil foi demarcada por componentes político-ideológicos autoritários, as experiências urbanas e arquitetônicas do período atuaram de modo a instrumentalizá-lo e promovê-lo. Dessa forma, os parâmetros urbanos e arquitetônicos que se manifestam nessas obras passaram a ser questionados quanto aos seus valores políticos, sociais e econômicos. Entende-se que, de certo modo, tais críticas contribuíram para ocultar os méritos da proposta do CAB, que é uma solução icônica, coerente com o seu processo histórico.

Assim, apesar de tais circunstâncias serem de difícil assimilação histórica, é necessário que os valores contidos no CAB possam ser apreendidos e compreendidos. Entre tais valores estão aqueles estéticos, presentes do seu traçado urbano, nas suas soluções arquitetônicas e na inserção de obras de artísticas. Observa-se, por exemplo, que existem no CAB obras de Carybé, Hansen Bahia, Juarez Paraíso, Athos Bulcão, entre outros, cuja apreciação tem que se dar a partir do reconhecimento das suas qualidades estéticas e das suas conotações simbólicas, que podem estar relacionadas com a ditadura.

É necessário, portanto, que as soluções urbanas e arquitetônicas do sítio possam ser compreendidas dentro dos seus contextos políticos, sociais e culturais. É importante que assumam um caráter didático, de tal modo que os cidadãos possam compreender o contexto, as ações e soluções materiais do CAB. Informações e explicações têm que ser oferecidas para que os usuários possam se situar histórica e criticamente. Isso também se estende à valoração da Igreja.

Dentro das relações espaciais que conformam o CAB ressalta-se a construção da Igreja, como um dos aspectos simbólicos da conformação desse espaço de poder. É importante salientar que no Brasil sempre ocorreram intensas relações entre o Estado e a Igreja Católica, que atuaram e atuam conjuntamente na formação de uma sociedade que se pretende fundamentalmente cristã. Essas relações se evidenciam na própria paisagem urbana soteropolitana e no contexto do CAB, com a presença exclusiva de um templo cristão, mesmo após a laicização do Estado.

Sendo assim, a Igreja, durante os seus primeiros anos de funcionamento, destinava-se ao recolhimento da comunidade dos funcionários públicos do CAB, trabalhadores do local, bem como à promoção de cerimônias religiosas à serviço das autoridades locais. Essa limitação de usuários inseria-se dentro daquilo que o CAB se propunha, a partir do seu afastamento da cidade preexistente e dos seus cidadãos, representando um poder que se dá de modo hierárquico. Mas, pouco a pouco, tal situação de isolamento foi se arrefecendo, acompanhando o progressivo esfacelamento da própria ditadura militar brasileira. Na medida em que novos bairros iam se conformando ao redor do CAB, seus moradores também passaram a frequentar mais a Igreja. Entretanto, já na década de 1980, com a abertura de outras paróquias nas suas proximidades, a Igreja da Ascensão do Senhor perdeu um pouco do seu papel, mesmo após a missa campal realizada pelo papa João Paulo II no CAB (ZACHARIADHES, 2010, p.198). Nessa circunstância,

é notável assinalar como o urbanismo moderno, com seus imensos intervalos gramados, tornou-se palco de uma Santa Missa realizada por um papa, fato que novamente evidencia a relação do Estado com o Cristianismo.

Em meio à consolidação das Paróquias já fortemente adensadas nos anos 1990, a Igreja procurou se reposicionar para conquistar mais fiéis, especialmente entre os jovens. Tal esforço teve resultados, uma vez que deixou de ser um Templo Secundário para se tornar Igreja Matriz em 2016. Atualmente a Igreja também está conectada com a comunidade paroquial e com a sociedade civil através das redes sociais. Nota-se, assim, uma vontade coletiva de construir um espaço digital de reconhecimento do sentido histórico, político e afetivo da Igreja.

Assim, entende-se que a Igreja tem que ser considerada como uma parte importante da própria história do CAB, que está inevitavelmente associada com aquela da modernização da cidade, que, por sua vez, insere-se dentro do panorama da ditadura militar ocorrida entre 1964-1985. A Igreja e o CAB se instituem enquanto expressões e símbolos da modernidade tardia soteropolitana. Trazer tal história à tona é fundamental.

Portanto, há que se questionar a inexistência de templos destinados a outras manifestações religiosas dentro do CAB. Conforme Vasconcelos, “os evangélicos aproveitam espaços verdes, rodeados de mata nativa, e o povo de santo muito o usa para colocar seus ebós” (VASCONCELOS, 2019, n.p.). Não seria o caso das outras religiões também terem direito a seus espaços sacros dentro do CAB?

Essa última consideração indica não somente o aproveitamento das relações de ambiência e espacialidade do urbanismo moderno para as referidas manifestações sagradas mencionadas pelo autor, mas também revela as dimensões imateriais e culturais associadas ao meio ambiente, fundamentais para o exercício da cidadania.

### **Valores Paisagísticos**

As massas verdes que envolvem a Igreja da Ascensão do Senhor são definidoras do seu conceito e do seu partido arquitetônico. A Igreja é participante íntima da natureza, integra-se em renovada e respeitosa sintaxe com seu entorno. Segundo

Paz “é clara a associação intencional do prédio com a ideia de natureza” (PAZ, 2007, p.16).

O simbólico é fundamental à leitura dos elementos corpóreos incorpóreos do objeto arquitetônico. Uma vez que a abstração é primordial para a arquitetura moderna, a materialidade arquitetônica assume sua sacralidade de maneira metafórica, estabelecendo com a natureza uma unidade potencial estética. Nesse sentido, a estrutura paisagística que envolve a arquitetura religiosa reforça a transitoriedade entre dois mundos (sagrado e profano), que se conformam como partes indissociadas de uma harmonia cósmica. Assim, a percepção do bem arquitetônico se dá de forma relacionada com o seu ambiente, conformando uma unidade artística, que invoca a necessidade de salvaguarda do seu entorno.

Tais aspectos se fazem notar através da sua concepção orgânica, com uma constituição parcialmente “cavernosa”, que enfatiza a relação com os aspectos profanos, terrenos; essa vai de encontro – com uma concepção mais geométrica, circular, que se dá através de uma estrutura protagonista, composta por pétalas – da luz natural, que penetra na nave, enfatizando a relação com o céu.

Deve-se evidenciar, em um primeiro plano, o paisagismo imediato que circunda o volume principal da Igreja. Desde os primeiros momentos da sua existência, existiam árvores e arbustos em formação ao seu redor. Tais plantas, como é natural, cresceram e se multiplicaram no decorrer do tempo. A nave, que antes tinha seu caráter escultural mais destacado, atualmente fica mais oculta, mas pode ser vislumbrada entre plantas de diferentes espécies, com diferentes dimensões, texturas e cores. Para o reconhecimento do seu caráter escultural é necessário que se percorra o terreno, que se adentre e que se percorra o edifício. Os recintos inferiores, por sua vez, estão praticamente camuflados no terreno. Possuem dimensões densas, sólidas, profundas. Suas corporeidades rochosas estão condicionadas pelos seus entornos “boscosos”, que literalmente se refletem nas suas breves aberturas. Seus reconhecimentos externos também podem ocorrer a partir da circulação ao redor do templo, mas seus plenos reconhecimentos pressupõem que se percorram as entranhas dos edifícios inseridos na terra. Em ambos os casos, tais explorações podem permitir que se descubram os mistérios e a sublimidade desse espaço cristão.

Em um segundo plano permanece a clareira, pontuada por algumas plantas. E, em um terceiro plano, o potente manto verde que envolve e protege a Igreja.

No sentido de reafirmar essa importância da natureza para a proposta da Igreja Ascensão do Senhor, cabe abordar o urbanismo moderno que sustenta a proposta do CAB. Uma vez que esse é o sítio urbano onde se encontra a Igreja, é importante evidenciar algumas diretrizes demonstradas por Lucio Costa em “Cidade do Salvador”, documento elaborado como uma consultoria para Maria Elisa Costa, que foi responsável pela implementação do plano viário do CAB. Quanto ao complexo-administrativo, Lucio Costa sugere “toda essa ampla área como continuação do futuro parque da represa do Pituacú” (COSTA, 1972, p.12), onde ainda afirma sua intenção de “camuflar” as edificações entre as massas de vegetação, “limitando a dois e três pavimentos o gabarito das edificações disseminadas entre o arvoredo” (COSTA, 1972, p.12).

Assim, as diretrizes apontadas por Lucio Costa são parcialmente efetivadas como características essenciais do Centro Administrativo e se revelam justamente no que diz respeito à implementação de conjuntos arborizados, bem como das relações harmônicas dos edifícios com a topografia. Destacam-se, principalmente, sob o manto desse direcionamento, o projeto urbanístico realizado por Maria Elisa Costa, bem como as arquiteturas promovidas na segunda etapa de implementação do CAB pelo arquiteto João Filgueiras Lima, sendo válido para a concepção dos partidos arquitetônicos das secretarias e, certamente, para aquele da Igreja. As concepções urbanas diretamente relacionadas a uma apreciação estética associada à natureza, devem ser identificadas e reconhecidas não tão somente como fundamentais à conservação do sítio, mas, como sugere o próprio Lucio Costa, como uma paisagem urbana continuada, conformada pelo CAB e pelo Parque de Pituacú, uma vez que suas riquezas ambientais são pensadas como um bem único, partes indissociáveis.

Também seguindo tais premissas básicas do urbanismo moderno, deve-se mencionar a implementação parcial do Projeto Paisagístico do CAB, concebido por Roberto Burle Marx, que já foi abordado neste texto. Nota-se que não compareceram muito os icônicos desenhos comuns na sua trajetória, mas sim a concepção modernista dos grandes gramados, pontuados por conjuntos arbóreos entre ou nas proximidades dos prédios, bem como da associação de gramado ao sistema

viário, reforçando a ideia do vazio na experiência urbana, bastante evidente no CAB.

Essas são considerações diretamente vinculadas com a importância do bem ambiental que envolve a Igreja e o Complexo Administrativo da Bahia como um todo. As participações de Lucio Costa e Roberto Burle Marx, mesmo que tenham sido breves, sugerem que, na medida das possibilidades locais, existiu um vínculo com a tradição do pensamento moderno quanto à concepção da paisagem, pensamento esse que já se encontrava bastante consolidado naquela altura, no início dos anos 1970. Deve-se principalmente à Maria Elisa Costa, que, através da concepção orgânica do sistema viário, revelou um olhar primordial de apreciação dos elementos naturais do território, que potencializaram a unidade plástico-compositiva entre espaço urbano, arquiteturas, topografia e vegetação, a favor do território natural desnudado.

Todas essas apreciações trazem em si conteúdos que compreendem o imaginário coletivo moderno. Além desse, existe também construção de uma cartografia simbólica a partir das práticas comuns às religiões de matriz afro-brasileira, como candomblé e umbanda, que reconhecem certas espacialidades urbanas como locais sacralizados. Esse reconhecimento se dá sobretudo devido à relação direta do espaço urbano com os recursos naturais, como o conjunto de massas de vegetação de mata atlântica e topografia acentuada formando pequenos cursos d'água. Também é considerado o desenho do sistema viário que, ao formar encruzilhadas, torna-se lugar de despacho para algumas das divindades relacionadas a essas religiões, como Exu.

Nesse sentido, a região é marcada por relações imateriais, uma vez que grupos específicos como esse acima mencionado lhe atribuem importante significado a partir do exercício de um direito cultural. Segundo SILVA (2008) os pontos da cidade apropriados para a realização das oferendas aos deuses cultuados pelas religiões de matriz afro-brasileira demonstram-se tão importantes quanto os terreiros, espaços da própria liturgia ritual.

Fica evidente, por fim, que a soma da apreciação dos atributos físicos à construção de significado cultural dada por um coletivo sobre o território do complexo administrativo, brevemente mencionadas neste tópico, conformam uma paisagem

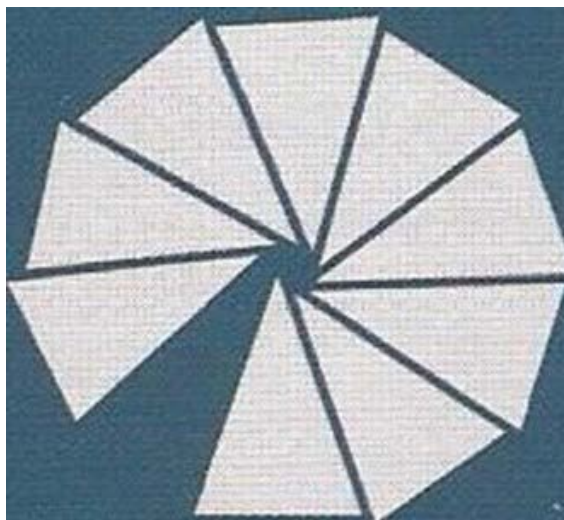


cultural, e que a perda ou destruição dos recursos naturais implicam no perecimento da função social do lugar, bem como na destituição de parte da sua face imaterial.

### **.Apreciação geral dos valores**

Tal como afirma Lúcio Costa, existe uma confluência entre a técnica e a arte na arquitetura de Lelé (COSTA, apud LATORRACA, 1999, p.13). No caso da Igreja da Ascensão do Senhor, tal confluência é o que confere maior valor ao edifício, por meio da inusitada exploração estética das suas soluções estruturais, especialmente da sua nave. De fato, a conformação dessa é tão potente que pode ser sintetizada de forma gráfica, no logotipo da Igreja.

Figura 3 - Logotipo da Igreja do CAB



Fonte: PATRIMÔNIO, [201-?], n.p.

Entretanto, entende-se que também seus aspectos materiais e imateriais acima relatados também são fundamentais para que o edifício adquira um caráter artístico excepcional, capaz de suscitar diferentes apreensões, sensações e interpretações por parte dos seus usuários.

Essas diferentes dimensões são potencializadas porque, no decorrer da sua existência, a Igreja tem sido plenamente usada. Isso é um fator fundamental para que possa continuar a ser disfrutada.

Também é necessário pontuar que a igreja faz parte de um todo mais amplo, que é o CAB. Trata-se de um dos seus edifícios mais monumentais, aos quais se

somam outros, que conformam essa experiência arquitetônica e urbana que tem um papel importante para a história da cidade e do país, com seus méritos e seus defeitos, que precisam ser expostos e discutidos criticamente pela população.

Considera-se, assim, que a Igreja é portadora de potentes valores técnicos, artísticos-estéticos, históricos-sociais e paisagísticos, tendo sido merecedora do seu tombamento pela municipalidade de Salvador, para que suas características principais possam ser devidamente preservadas e assimiladas pelas gerações presentes e futuras. Entretanto, acredita-se também que a Igreja da Ascensão do Senhor é um importante exemplar de arquitetura Brutalista, que possui potência suficiente não apenas para ser tombada municipalmente, mas também nos níveis estadual e federal.

Também se ressalta a importância do tombamento municipal desse exemplar arquitetônico da modernidade tardia, representante das transformações do modernismo no país, tanto daquele articulado com as expressões cariocas, como daquelas paulistas.

26

## **A Igreja da Ascensão do Senhor – Indicação de parâmetros de intervenção**

### **Parâmetros Arquitetônicos**

O tema da preservação das arquiteturas modernas é complexo. Inicialmente, há que se assinalar que há uma discussão ampla sobre se existe alguma especificidade para a intervenção e preservação de tais arquiteturas em relação às demais. Assume-se aqui que, embora as arquiteturas modernas possuam uma série de peculiaridades, as fundamentações para seus restauros não possuem métodos específicos.

As indicações de parâmetros para intervenção na Igreja da Ascensão do Senhor pautam-se principalmente em duas correntes teóricas italianas: a da “pura conservação” e a do “restauração crítico-conservativo”. A seguir, apresentam-se de modo extremamente resumido certos aspectos considerados fundamentais para tais teorias.

A primeira, da “pura conservação”, formula sua discussão a partir da noção da autenticidade da matéria. Essa é considerada como portadora de um caráter único e original, que pode ser encontrado em diferentes momentos da existência de um edifício. A função do restauro é fazer com que tal matéria se transmita do modo mais intacto possível, de modo que seus elementos e informações possam alcançar os usuários presentes e futuros, permitindo plenas fruições e interpretações dos edifícios (BIERRENBACH, 2017, p. 146).

A segunda, do “restauro crítico-conservativo”, também se pauta da noção de autenticidade, mas essa possui um entendimento diferenciado. Compreende-se, do mesmo modo que na teoria da pura-conservação, que a matéria é única e que precisa ser mantida, mas também se assinala que essa é portadora de uma imagem arquitetônica significativa, que aporta uma dimensão artística fundamental. Assim, a função do restauro é fazer com que a matéria e sua imagem correspondente sejam transmitidas do modo mais inalterado possível para os usuários, também possibilitando suas fruições e interpretações presentes e futuras. (BIERRENBACH, 2017, p.150)

27

Para as recomendações aqui expostas, trata-se de adotar um método aberto, que procure entender as especificidades do monumento em questão, além das suas demandas de uso para, finalmente, assinalar possíveis intervenções. Entretanto, cabe inicialmente apontar que não se considera que a concepção inicial do projeto possa ser retomada, nem sua imagem primogênita.

Pretende-se assinalar critérios que permitam que se transmita o máximo da matéria da Igreja, como portadora de informações fundamentais. Mas também se considera que a matéria está atrelada a uma conformação potente de imagem, que precisa ser transmitida, dentro do possível, para que possa ser apreendida e interpretada pelos usuários presentes e futuros. Há que se considerar que também é necessário assimilar as necessidades dos usuários da Igreja. Mas se compreende que essas podem se adequar, a partir de intervenções criteriosas, ao restauro da edificação.

Afirmou-se que a Igreja da Ascensão possui um valor técnico. É importante que suas características experimentais se transmitam, desde que ainda existam e que possam ser recuperadas sem suporem um problema para a manutenção da edificação. Trata-se de controlar os danos atuais e limitar aqueles futuros. Propõe-

se que se mantenha ao máximo possível a autenticidade da estrutura, nas duas acepções mencionadas anteriormente.

Há que ter em mente que existe uma questão primordial que interfere na conservação de toda a edificação, que é a condução correta das águas. No que se refere ao recinto superior, pode-se assinalar a possibilidade da retirada das suas placas pré-moldadas da cobertura de modo que se possa realizar um projeto de ventilação das suas cavidades internas, onde ocorre acúmulo de água devido à porosidade do material. É necessário realizar um estudo das nervuras onde se situam as tubulações de drenagem, entender seu sistema, de modo que se possa calcular o posicionamento dos furos para ventilação dessas partes. O sistema não se perdeu, ele está apenas encoberto. Entende-se que essa retirada das peças pré-moldadas interfere na sua autenticidade material, que certamente não é mais a inicial, mas corresponde aos remendos de acréscimos realizados no decorrer do tempo, com a inserção de camadas de impermeabilização superpostas mal executadas. Essa extração certamente interfere na matéria, mas não na substância da imagem da edificação. No que diz respeito aos recintos inferiores, há o problema dos terraços-jardins, que também geram uma série de danos decorrentes da infiltração de água.

Entretanto, para que se possam tomar decisões apropriadas, é necessário que se faça um diagnóstico mais aprofundado dos elementos estruturais que perduram e daqueles que foram inseridos ao longo dos anos. Também se deve verificar a durabilidade dos materiais e a longevidade da estrutura. Assim será possível traçar diretrizes mais aprofundadas para a conservação da estrutura e dos materiais.

Essas medidas para a manutenção dos aspectos materiais da estrutura do edifício também são fundamentais para que se possam preservar suas características imagéticas, que articulam o edifício ao Brutalismo. De fato, a vinculação entre a matéria e a imagem da estrutura perdura na atualidade, não precisa ser restituída. Os 12 pilares de concreto aparente que conformam a nave são essenciais para sustentar as formas que “exprimem o caráter excepcional do edifício” (BASTOS; ZEIN, 2010, p.150). Do mesmo modo, as medidas de proteção das estruturas em pedra têm que garantir seus aspectos rústicos e delicados.

No decorrer do tempo aconteceram algumas alterações no programa da Igreja. Essas supuseram poucas transformações na nave e na Capela do Santíssimo, mas trouxeram mudanças significativas para o recinto dos padres. Essa situação

não supõe um problema. Entende-se que não há mais sentido na existência da parte residencial, que pode manter seu uso atual, de caráter administrativo. Entretanto, chama-se atenção para a descaracterização da antiga sacristia, que foi transformada em um depósito. Do mesmo modo, a parte que possuía um anterior uso administrativo, pode conservar seu uso atual, com utilizações ainda mais públicas do que aquelas previstas originalmente. Essa situação é favorecida pela própria existência de um acesso secundário direto para essa parte da Igreja.

As características espaciais do edifício mantêm a maior parte dos seus valores na atualidade. O volume superior continua ascensional, com incidência de luz dispersa; os volumes inferiores seguem diminutos, compactos e pouco iluminados. Entretanto, entende-se que existe uma questão de conforto térmico dos usuários que interfere nas características de tais volumes, que deveriam passar sensações apropriadas de frescura e de umidade. Entretanto, as percepções dos usuários são distintas, sendo de pouco frescor no volume superior e muita umidade nos volumes inferiores. Assim, compreende-se que essas questões têm que ser enfrentadas.

No que se refere aos materiais, há considerações importantes. Na concepção e na realização do edifício um dos pontos fundamentais diz respeito às suas exposições nos seus estados naturais, explorando-se os seus aspectos austeros e rústicos, destacando-se as suas diferentes texturas. Nesse sentido, acredita-se que as intervenções realizadas nos diferentes espaços da Igreja devam tratar dos materiais existentes para que esses não se deteriorem mais, prejudicando a sua conservação. Nas circunstâncias nas quais a pátina já tenha se depositado sobre os materiais, essa não tem necessariamente que ser extraída, sempre que sua permanência não suponha maiores danos. Entende-se, por um lado, que a pátina aprofunda o efeito de austeridade e rusticidade do edifício; por outro lado, exprime o pertencimento do edifício aos ciclos da natureza, de vida e de morte, que conferem o caráter simbólico à edificação.

Não há alterações profundas na nave ou na Capela do Santíssimo sob esse aspecto. As maiores mudanças ocorrem no recinto dos padres. Há que se compreender que esse faz parte da Igreja e não pode ser tratado de um modo diferenciado. Entende-se que a extração de alguns elementos que atualmente conformam tal recinto de algum modo supõe uma perda de autenticidade, aquela da matéria, transmissora de informações. Entretanto, a permanência de uma série de alterações nos recintos dos padres, modifica as suas características imagéticas,

consideradas valorosas. Assim, a recomendação é que sejam substituídos tanto os pisos quanto as divisórias de PVC atuais por outras soluções, que se adequem mais às características austeras e rústicas do edifício. O mesmo pode ser dito das pinturas brancas de tetos e dos pisos cerâmicos.

De um modo geral cabe também propor soluções mais discretas e camufladas para a maior parte das instalações hidráulicas e elétricas, equipamentos de luz e som, ventiladores, aparelhos de ar-condicionado, placas de sinalização, lixeiras e grades que afetam sobremaneira a percepção dos diferentes materiais e das espacialidades. Entende-se que não se trata de resgatar as soluções “originais”, mas sim de inserir elementos atuais que entendam os valores do edifício, e somem valores a ele, ao invés de destituírem.

O mobiliário passou por mudanças no decorrer do tempo, perdendo seu aspecto característico, focado na expressão austera dos seus materiais constituintes e adquiriu elementos sobrepostos dourados e brilhantes. Compreende-se que existem transformações que refletem tanto as aspirações dos padres quanto às necessidades da Igreja. Caso se assuma como fundamental a autenticidade da matéria agregada, que se atrela aos anseios e necessidades dos usuários que a transformaram, pode-se assumir que o mobiliário possa permanecer tal como está na atualidade. Mas, caso se considere a importância da dimensão imagética e da sua apreensão, há que se indicar a sua extração e a busca de um mobiliário que seja mais apropriado para o edifício.

Quanto às imagens sacras acrescentadas em todo o edifício, pode-se dizer que são legítimas e correspondem aos anseios dos padres. Entretanto, algumas introduzem rupturas na imagem da Igreja, desviando a atenção dos usuários das suas principais características. A imagem mais destoante era aquela de Jesus Cristo disposta no painel que circunda o altar, de autoria de Carlos Bastos. Mas essa já foi substituída por um crucifixo que corresponde mais com o ambiente da Igreja. Há outras que perduram que também são discordantes. Sugere-se, assim, limitar a presença dessas obras, ou trocá-las por outras de caráter mais abstrato, mais discreto, para que o caráter sacro do edifício possa continuar exercendo-se.

Finalmente, há os elementos imateriais, especificamente a ventilação e a iluminação. Tais questões trazem problemas de conforto ambiental para os usuários. Quanto à ventilação, há meios mecânicos que podem propiciar melhores condições para os espaços da Igreja, até mesmo diminuindo o impacto da umidade, principalmente

nos recintos inferiores. Entretanto, há que se considerar que a presença de ventiladores e aparelhos de ar-condicionado não deve desvirtuar os espaços. Para tanto, é necessário utilizar soluções criativas que camuflam suas presenças e ao mesmo tempo sejam discretas.

É importante que se mantenha a intensidade de luz apropriada aos ambientes. A presença de uma iluminação mais forte e mais dourada na parte superior do edifício, e de outra similar, mas menos intensa nas partes inferiores, inclusive nos corredores, pode manter a atmosfera relatada acima. A iluminação embutida parece adequada para essas partes inferiores do edifício, mas pode-se substituir a iluminação branca por outra mais amarelada, mais coerente com a ambiência proposta para a Igreja.

Lelé afirmou em um determinado momento que a Igreja do CAB estava descaracterizada (MENEZES, 2004, n.p.). Embora certamente tenham ocorrido várias transformações, compreende-se que a Igreja da Ascensão do Senhor mantenha na atualidade suas principais características, sendo apenas importante superar certos problemas de manutenção e atentar para certas mudanças que afetam os seus principais méritos.

Ao aliar as duas dimensões do cotidiano - a da prática do desenhar, a da incorporação da prática cotidiana como aspecto indissociável da própria definição do que seja patrimônio - procurei trazer relatos de experiências a partir de três “entradas” intrínsecas ao meu universo de professor / desenhador: pela entrada da “formação”, considero fundamental a construção de uma base de conhecimento acerca de nosso patrimônio cultural a partir da história dos lugares, e minha prática da utilização dos desenhos nas aulas / palestras e atividades afins constituem uma contribuição para a construção deste lastro; pela entrada da “fruição”: reforço a prática do desenhar como o estabelecimento de relação de aproximação entre objeto e o desenhador, de modo que este experienciar, possibilite, a partir da interpretação, um processo de apropriação e de envolvimento com estes espaços, revelando a importância da prática cotidiana como protagonista neste processo; por fim, pela entrada da “terapia na pandemia”: relatei através de um conjunto de desenhos elaborados durante os primeiros quatro meses de isolamento social, a minha aproximação com outra dimensão da prática cotidiana: os nossos microcosmos, que nos conectam ao mundo.

Ao concluir este artigo, identifico e ratifico, a partir das experiências relatadas nas três entradas utilizadas, a importância da prática do desenhar no processo de apreensão / análise das cidades, e no caso particular, do patrimônio cultural atrelado às práticas cotidianas.

## Referências

### Sobre Lelé

GUIMARÃES, ANA GABRIELA LIMA. **A obra de João Filgueiras Lima no contexto cultural arquitetônico contemporâneo**. 1999. 143 f. Tese – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LATORRACA, Giancarlo (ed). **João Filgueiras Lima – Lelé**. São Paulo: Editora Blau/ Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1999.

MARQUES, André Felipe Rocha. **A obra do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé: projeto, técnica e racionalização**. 2012. 305 f. Dissertação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

MENEZES, Cynara. **O que é ser arquiteto. Memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima)**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

### Sobre a Igreja do CAB e o CAB

2ª Pista da Avenida Paralela. **A Tarde**, Salvador, p.2, 04 nov. 1974.

**7 ANOS que mudaram a Bahia**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, [19--]. 142p.

**ACERVO da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER)**, 1976, n.p.

ALMEIDA, Narceu. Bahia – como construir o futuro sem destruir o passado. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 1193, p. 76-77, 01 mar. 1975.

AMORIM, Paulo Henrique. Centro Administrativo da Bahia pode virar patrimônio cultural. **Conversa Afiada**. Disponível em: < <https://www.conversaafiada.com.br/brasil/centro-administrativo-da-bahia-pode- virar-patrimonio-cultural> > Acesso em 18 mai. 2020.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo. et al. Arquitetura Brutalista na Bahia: Levantamento e análise crítica. In: X SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL, 2013. **Anais do X DOCOMOMO-BRASIL – arquitetura moderna e internacional: conexões brutalistas, 1955-1975**. Curitiba: PUC-PR, 15 a 18 out. 2013.

ANDRADE, Wilson; BRITO, Ronan; SIMAS, Luiz. **Implantação do projeto paisagístico do CAB**. Salvador: Diretoria Geral de Edificações Públicas, abr. 1975.



ARQUIDIOCESE de Salvador ganha nova área pastoral. In: **CNBB – Igreja Católica Apostólica Romana**. 15 dez. 2010. Disponível em: < <http://www.cnbb.org.br/arquidiocese-de-salvador-ganha-nova-area-pastoral/> > Acesso em 15 mai. 2020.

ARTISTAS baianos fixarão a Bahia de hoje no Centro Administrativo. **Diário de Notícias**, Salvador, não paginado, 09 jan. 1973.

ASCENSÃO do Senhor – Área Pastoral. In: **A Beleza da Igreja Católica**. 8 mai. 2015. Disponível em: < <http://abelezadaigrejacatolica.blogspot.com/2015/05/ascensao-do-senhor-area-pastoral.html> >. Acesso em 15 mai. 2020.

BAHIA. Governo do Estado. **Bahia: constrói o futuro sem destruir o passado**. Salvador, [19--]. 59p.

BIERRENBACH, Ana Carolina; PORTO, Marcela. **Dossiê de Tombamento: Igreja de Ascensão do Senhor – Centro Administrativo da Bahia**. Fundação Gregório de Mattos, Prefeitura Municipal de Salvador, jun. 2020.

CAB, Centro Administrativo da Bahia; centro de exposições. projeto de João Filgueiras lima, arq. **CJ. Arquitetura. Revista de Planejamento, Arquitetura e Construção**, Rio de Janeiro, n.7, p.12-18 e p.38-46, 1975.

CENTRO Administrativo da Bahia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1974a, Revista Econômica, p.48.

CENTRO Administrativo da Bahia – modelo de integração urbana. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1974b, Suplemento Especial, p.4-15.

CENTRO da Nova Bahia. **Diário de Notícias**, Salvador, n.p., 05 mar.1974c.

CENTRO Administrativo da Bahia – Solução Racional para a Expansão Urbanística de Salvador. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 mar. 1975, 1º Caderno, p.9.

CIDADE planejada entre o mar e a lagoa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 mai. 1974, Caderno B, p.5.

COSTA, Lúcio. **Cidade do Salvador**. Rio de Janeiro, [s.n.], 1972.

COSTA, Maria Elisa. **Maria Elisa Costa. Breve entrevista**. Entrevista concedida por e-mail para Ana Carolina Bierrenbach. 17 abr. 2020

CRUZ de pau-brasil inaugura igreja do CAB. **A Tarde**, Salvador, 08 mar, não paginado, 8 mar. 1975.

EIS a verdade sobre o Centro Administrativo da Bahia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 mar. 1973. p.4

FESTIVAL PrimaVerão terá renda revertida para centro comunitário. Salvador, 23 out. 2015. Disponível em: < <https://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2015/10/23/> >

Bahia/-Festival--PrimaVerao-tera-renda-revertida-para-centro-comunitario.shtml> Acesso em 2018.

FIGUEIREDO, J.U. Centro Administrativo é mais uma atração para os turistas. **Diário de Notícias**, Salvador, não paginado, 12 e 13 mai. 1974.

FUNDAÇÃO suspende tombamento do Centro Administrativo da Bahia. Salvador, **De Olho na Cidade**. 26 set. 2017. Disponível em: <<https://deolhonacidade.net/noticias/52467/fundacao-suspende-tombamento-do-centro-administrativo-da-bahia.html>> Acesso em 18 mai. 2020.

GOVERNO do Estado da Bahia. **Planejamento físico urbanístico para o Plano Diretor de Integração do CAB e sua área de influência**. Salvador, abr. 1975.

GOVERNO do Estado da Bahia. **PROJETO-CAB – Relatório Preliminar**. Salvador, Governo do Estado da Bahia. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia. Instituto do Urbanismo e Administração Municipal, Salvador, 1978.

GROPPER, Symona. A Bahia vai ter mais uma igreja. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1973, Caderno B, p.4.

IGREJA da Ascensão: arte e fé, no Centro Administrativo. **Tribuna da Bahia**, Salvador, não paginado, 07 mar. 1975.

INAUGURADA a Igreja da Ascensão do Senhor. **Tribuna da Bahia**, Salvador, não paginado, 08 mar. 1975.

JOÃO XXIII poderá ser o padroeiro da Igreja do Centro Administrativo. **A Tarde**, Salvador, p. 02, 28 ago. 1974.

KAILL, Paulo Costa. **Burle Marx na Bahia: descobertas e construção de paisagens**. 2011. 163 f. Dissertação - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

KERTESZ, Mario. **Centro Administrativo da Bahia**. Salvador, [s.n.],1973.

\_\_\_\_\_. **Centro Administrativo da Bahia**. Salvador, [s.n.], 1974 38p.

\_\_\_\_\_. O planejador e o Centro Administrativo da Bahia. **Revista O Planejamento na Bahia**, Salvador, n.4, v.II, jul. ago. 1974. p. 335-353.

LIMA, Adriana Filgueiras et all. Carta Final. **V ENANPARQ – Jornada pela preservação do legado de João Filgueiras Lima – Lelé**. Salvador, 17 out. 2018.

LIMA, João Filgueiras. Centro Administrativo da Bahia. **Revista O Planejamento na Bahia**, Salvador, n.4, volume II, jul. ago. 1974. p.357-388.

\_\_\_\_\_. Centro Administrativo – Igreja. **Módulo – Revista de Arquitetura, Urbanismo e Artes**, Rio de Janeiro, Ed. Especial n.1, p.54-55, 1981.

\_\_\_\_\_. **ICAB. Igreja do Centro Administrativo da Bahia**. s/d. Salvador, não paginado, [1973].

\_\_\_\_\_. Igreja do Centro Administrativo da Bahia. **Módulo – Revista de Arquitetura, Urbanismo e artes**, Rio de Janeiro, n.40, set. 1975. p.50-53.

**LIVRO de tombo. Igreja Ascensão do Senhor. Centro Administrativo da Bahia (CAB).** Salvador, não paginado, 1975-2016.

NÚNCIO Apostólico inaugura hoje a Igreja do CAB. **A Tarde**, Salvador, não paginado, 07 mar. 1975.

PARA onde a Bahia vai. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 1158, p.155-156, 29 jun.1974.

PATRIMÔNIO Artístico. Paróquia da Ascensão do Senhor. Salvador, [s.n.], n.p, 201\_?

PAZ, Daniel. Igreja do Centro Administrativo da Bahia – Lelé em uma abordagem pré-iconográfica. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v.14 n.15, p. 115-136, dez 2007.

RETOMADA a execução do Centro Administrativo. **A Construção Norte-Nordeste**, [S.l.], n.17, out. 1979, p. 24-25,

SALVADOR (Município). Lei n. 9069/2016. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador. PDDU, 2016. Salvador, 30 jun. 2016. n.p. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-salvador-ba-2016-06-30-versao-original>> Acesso em 15 mai. 2020.

SALVADOR tem espaço ilimitado para crescer. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 1025, 11 dez.1971. p.123.

TEMPLO novo na Bahia. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 mar. 1975, Segundo Caderno, Turismo, p.6.

VASCONCELOS, Levi. Tombamento do CAB. **A Tarde**, Salvador, 1 jun. 2017. p.2.

### Outras Referências

BIERRENBACH, Ana Carolina. Debates recentes sobre o restauro da arquitetura moderna na Itália. **Revista Thesis**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.137-157, jan./out. 2017.

BIERRENBACH, Ana Carolina; Nery, Juliana. O que é que a Bahia tem? **X Seminário DOCOMOMO-Brasil**, Curitiba, 15-18 de out. 2013.

BASTOS, Maria Alice. **Pós-Brasília**. Rumos da Arquitetura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BASTOS, Maria Alice; ZEIN, Ruth. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo, Perspectiva, 2010.

BRAGA, Bruno; PAIVA, Ricardo. Centros Administrativos como tipologia moderna: o caso do Cambeba em Fortaleza. In: 6º DOCOMOMO NORTE-NORDESTE. 2016. Teresina, 10 a 13 de ago. 2016. **Anais**. Teresina, 2016. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24497/1/2016\\_eve\\_centros.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24497/1/2016_eve_centros.pdf)> Acesso em 19 mai. 2020.

CARVALHO, Inaiá; CORSO, Gilberto. As “cidades” de Salvador. p.81-107. In: CARVALHO, Inaiá; CORSO, Gilberto. **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: EDUFBA, 228, 2ª Edição. p.81-108.

CARVALHO, Isaías. Esquizopolis. **Revista da Bahia**, N.8, MAR. 1988, p.19-23.

SAMPAIO, Heliodoro. **10 falas necessárias – cidade, arquitetura e urbanismo**. Salvador: EDUFBA, 2010.

\_\_\_\_\_. **Formas Urbanas: cidade-real & cidade-ideal: contribuição ao estudo urbanístico de Salvador**. Salvador, Quarteto Editora/ PPG/AU. Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1999.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

SERPA, Angelo. Os espaços públicos da Salvador Contemporânea. In: CARVALHO, Inaiá; CORSO, Gilberto. **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: EDUFBA, 228, 2ª Edição. 173-188.

VASCONCELOS, Levi. Igreja faz missa no CAB para ajudar os políticos a acertar. Vale a intenção. E só. 20 mar. 2019. Disponível em: <<https://bahia.ba/politica/igreja-faz-missa-no-cab-para-ajudar-os-politicos-a-acertar-vale-a-intencao-e-so/>> Acesso em 19 mai. 2020.

ZACHARIADEHES, Grimaldo. **Os jesuítas e o apostolado social durante a ditadura. A atualçao do CEAS**. Salvador: EDUFBA, 2010.

36

#### NOTA

*O trabalho é uma adaptação para artigo do Dossiê de Tombamento da Igreja da Ascensão do Senhor, realizado pelas autoras, entregue à Fundação Gregório de Mattos e à Prefeitura Municipal de Salvador em 2020.*

#### *Publisher*

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 20/05/2022

APROVADO EM: 17/06/2022

PUBLICADO EM: 14/12/2022